

Lucrum et imperium in nomine Dei: Reforma Protestante e Ascese do Capitalismo em José Saramago

*Lucrum et imperium in nomine Dei:
Protestant Reformation and Ascese of Capitalism in José Saramago*

Isabela Padilha Papke¹

“Se a reforma foi uma revolução, foi uma revolução que deixou quase intactos tanto as classes mais baixas da organização eclesial quanto o esquema tradicional do pensamento social” (R.H. TAWNEY)

Resumo: Quando se fala em religião e ascensão do capitalismo, é inevitável não se usar Weber em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2010). Contudo, apesar de sua magnitude teórica, com o passar dos anos, essa teoria apresentou novos adeptos que ora o criticaram, ora o enriqueceram, como é o caso de Tawney, em *A Religião e o surgimento do Capitalismo* (1971). Dessa forma, a análise aqui apresentada se pautará nas obras desses teóricos e de outros, para compreender este fenômeno que é a ascese do capitalismo e suas relações com a Reforma Protestante dentro do livro de Saramago *In Nomine Dei* (1993), para que se possa investigar o como o autor português categoriza a religião como manejo para ascensão do poder em sua obra.

Palavras-chave: Reforma Protestante; Saramago; Weber.

Abstract: When talking about religion and the rise of capitalism it is inevitable not to use Weber in his work *The Protestant Ethics and the Spirit of Capitalism* (2010). However, despite its theoretical magnitude, over the years, this theory has presented new adherents who criticized and enriched his work, how is the case of Tawney, in his work *Religion and the emergence of Capitalism* (1971). The analysis presented here will be based on the works of these theorists and others, to understand this phenomenon that is the asceticism of capitalism and its relations with the Protestant Reformation within the work of Saramago *In Nomine Dei* (1993), so that one can investigate how the portuguese author categorizes religion as management for the rise of power in his work.

Keywords: Protestant Reformation; Saramago; Weber.

Introdução

José Saramago, filho e neto de camponeses, nasceu na aldeia de Azinhaga, província do Ribatejo em 16 de novembro de 1922. O seu primeiro emprego foi como serralheiro mecânico, tendo exercido depois diversas profissões: desenhador, funcionário da saúde e da previdência social, tradutor, editor, jornalista. De acordo com Massaud Moisés, em seu livro *A literatura portuguesa através dos textos* (2012), a obra de José Saramago possui duas fases: a primeira iniciando em 1966 com a publicação do livro *Os poemas possíveis* (1966), e a segunda em 1980, na qual redigiu grandes

¹ Doutoranda em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4618478404537698>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9127-1698>. E-mail: isabelappapke@gmail.com.

romances que o levaram a ganhar o prêmio Nobel da Literatura em 1998. Saramago trabalhou durante doze anos numa editora; em 1972 e 1973 fez parte da redação do jornal *Diário de Lisboa*; foi, de 1985 a 1994, presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Autores. A partir de 1976, passou a viver exclusivamente do seu trabalho literário, primeiro como tradutor, depois como autor. Possui 37 livros publicados, entre eles estão: *Levantado do Chão* (1980), *Memorial do Convento* (1982), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), *História do Cerco de Lisboa* (1989), *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), *Ensaio sobre a Cegueira* (1995) e *As Intermittências da Morte* (2005).

A obra de Saramago é plurissignificativa e campo de fartas pesquisas, o que nos faz perceber a importância e validade de seu estudo. Entre os eixos polêmicos em que se centram suas obras está o da crítica religiosa, muitas vezes, acusada de ultrajante, gerando, inclusive, o veto de circulação de uma de suas mais consagradas obras, *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (1991), em seu país de origem, Portugal. Em uma entrevista ao *Jornal do Brasil*, ele proferiu:

Esta religião [o cristianismo] foi fundada sobre sangue, sofrimento, renúncia, sacrifício e martírio. É uma religião de horrores. [Em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*] o meu diabo até diz “é preciso ser Deus para se gostar tanto de sangue”, o que soa como um soco no estômago. O próprio diabo diz a Jesus, quando ele sacrifica a ovelha a mando de Deus, “você não aprendeu nada”, quer dizer, não aprendeu a respeitar a vida, a resistir. (AGUILERA, 2010, p. 315)

Quando fora condecorado com Nobel, inclusive, o *L’Osservatore Romano*, órgão oficial do Vaticano, descontente com a premiação, lhe denominou como sendo um “comunista recalcitrante, com visão substancialmente antirreligiosa do mundo” (AGUILERA, 2010, p. 77). Como podemos notar pelo excerto de sua fala acima, o autor não nega seu conflito com a religião. O crítico Fernando Gomez Aguilera postulou que:

Saramago insistia em salientar sua incompreensão de uma religião como a cristã, baseada no sacrifício e no sofrimento, enquanto, no caso do islamismo, reprovava o exercício da violência em nome de Alá — como também ocorreu com o cristianismo no passado. Defensor de um pacto de não agressão entre as diversas confissões — mais que de um pacto de civilizações —, sustentava que as confissões separam e antagonizam os seres humanos em consequência do fundamento excludente de seus ideários, ao mesmo tempo que manifestava sua perplexidade ante a intransigência que os crentes mostram na defesa

do perfil específico de seus deuses. Repudiava o fundamentalismo e a intolerância, a vontade de impor os dogmas próprios como códigos de conduta geral, assim como a intromissão que a Igreja pratica na vida civil e até política, agindo como um autêntico poder terreno. Contrapondo-se às concepções ontológicas de Deus, sustentava que o fenômeno divino é produto da imaginação — tudo está no cérebro, asseverava —, enquanto atribuía à nossa natureza mortal a fruição com que foi construída a necessidade de transcendência. Morte e Deus se alimentariam, pois, mutuamente. (AGUILERA, 2010, p. 76)

In nomine Dei

Dentre suas obras que cunham a temática religiosa, selecionamos *In nomine Dei* (1993). A obra em questão é do gênero dramático e retrata como se deu (ou não) a Reforma Protestante na cidade de Münster, na Alemanha. O caráter histórico da ficção é bem demarcado, pois contém uma contextualização cronológica da reforma de Münster e mostrando que os acontecimentos do livro definitivamente ocorreram fora da ficção. João de Oliveira Lopes, em seu texto *O crepúsculo de Deus nas guerras dos homens: Uma leitura do In Nomine dei de José Saramago* (1998), ressaltou que:

Além dos elementos informativos esparsos, relacionados com o passado das personagens e da cidade, capital de um Estado Eclesiástico onde uma classe clerical-aristocrática, fruidora de toda a sorte de privilégios e imunidades, fazia uma concorrência desleal aos artesãos e mercadores, o texto representa ao vivo duas disputas teológicas, que constituíam, como é sabido, um momento crucial na vida cristã da sociedade do séc. XVI. Num momento de grave crise da autoridade, o resultado desses debates, às vezes organizados pelo imperador, decidia do futuro político e religioso dos povos. Por isso, Saramago, na intenção de reconstituir o ambiente de tensões, cismas e conflitos de um século martirizado pela intolerância, oferece-nos o espectáculo de uma luta verbal, renhida e virulenta, como era hábito, primeiro entre católicos e luteranos, depois entre católicos, luteranos e anabaptistas. (LOPES, 1998, p. 4-5)

Óscar Lopes, em sua obra *Questões de Literatura Portuguesa* (1994), menciona inclusive que a divisão da obra assemelha-se a traços brechtianos

A acção desenvolve-se em três actos, divididos em quadros, o que faz lembrar o teatro épico de Brecht. O quadro dá ao autor a possibilidade de individualizar melhor as situações dramáticas e de as tratar como unidades temáticas e discursivas que, pela sua relativa autonomia no

conjunto, melhor retêm a atenção do leitor, ainda que tornem o andamento da acção mais lento e compassado ou mais reflexivo e os elos entre as situações se façam, por isso, menos visíveis. (LOPES, 1998, p. 3)

O crítico também pontua acerca do carácter visual que a divisão quadrática da obra agrega

O amplo arco temporal que cobre a acção, de cerca de três anos e meio, "*um tempo, tempos e metade de um tempo*" (diz a profecia) e a multiplicidade de acontecimentos, personagens e figurantes que dos mais diversos lugares convergem para Munster, o cenário constante da tragédia, impuseram provavelmente a divisão em quadros, do que resulta um políptico impressionante, de forte sugestão dramática e visual. (LOPES, 1998, p.3)

Considerando a temática histórica da obra, esse recurso é interessantíssimo, visto que nos permite a visualização dos atos ocorrentes na leitura com primazia, fazendo com que o objetivo de impacto das ações das personagens atinja-se com primor. A união da linguagem irônica de Saramago à construção de suas personagens cria uma atmosfera que mescla humor e indignação acerca dos fatos registrados. Passemos, agora, a entender o contexto da Reforma Protestante e de seu surgimento, antes de partirmos para o ponto da análise da obra em si.

Reforma Protestante, Renascimento e ascensão da Modernidade

De acordo com o artigo *As Reformas Religiosas na Europa Moderna: notas para um debate historiográfico* (2007), de Rodrigo Bentes Monteiro, a Reforma Protestante caracteriza o processo de modernização da sociedade:

No século XVIII, com o surgimento da filosofia da história em meio ao ambiente iluminista potencialmente revolucionário e anti-eclésiástico, o movimento conhecido como Reforma protestante era inserido no processo de modernização da sociedade ocidental, conforme as idéias de Hegel. Era a "mundanização positiva", diferente da conotação negativa atribuída pelo filósofo alemão ao contexto anterior da Escolástica. Enquanto estudiosos laicos entendiam a Reforma como fundação do caminho para a liberdade, católicos ultramontanos, defensores da infalibilidade papal, observavam-na como um equívoco que desestabilizou princípios de autoridade, ordem social e disciplina, característicos da cristandade medieval. (MONTEIRO, 2007, p. 130)

Compreender a Reforma, neste prisma, ajuda-nos a chegar ao ponto que queremos neste trabalho. Os estudos deste acontecimento histórico reverberam até hoje, mas, para entender sua magnitude por completo, precisamos perceber o que ele gerou em nossa sociedade, o que ele mudou em nossa conduta. O Doutor e Jurista Antonio Carlos Wolkmer, em seu artigo *Cultura Jurídica Moderna: Humanismo Renascentista e Reforma Protestante* (2005), ratifica que:

Nos primórdios da sociedade moderna, ocorreram transformações que atravessaram as esferas econômicas, sociais, políticas e jurídicas. Neste contexto, em um horizonte de continuidade e de rupturas, forjam-se os pensamentos político e jurídico modernos, influenciados pela força e pela criatividade dos movimentos culturais do Humanismo Renascentista e da Reforma Protestante. (WOLKMER, 2005, p. 10)

Wolkmer disserta que esses movimentos insurgiram num momento de crise e fragilidade, que foi o declínio dos ideais medievais:

A crise e a derrocada do universo medieval na Europa central no âmbito da religião, da filosofia, da economia e da política desencadearam os ingredientes para uma nova mentalidade, um novo pensamento e novos procedimentos científicos. As emergentes formas culturais marcadas pelo espírito de ruptura, naturalismo e individualidade estão impregnadas por uma visão clássica do mundo, expressa no que se convencionou designar Renascimento. A gradual substituição das relações de produção feudal, a formação da instância estatal nacional-soberana e o ímpeto para uma visão norteadora dominada pela individualidade estão presentes neste momento de criatividade e de “renascimento” do espírito humano (WOLKMER, 2005, p.17)

É interessante o método pelo qual o autor constrói a relação entre a Reforma Protestante e o Humanismo, e o quanto estes eventos estão relacionados à individualização do ser. Essa acepção nos permite ver com clareza que os ideais da Reforma transcendem e muito a questão religiosa, contudo, ao mesmo tempo que o humanismo e a reforma se centram no indivíduo, opondo-se ao proposto pelo período medieval, também se conflitam:

O movimento da Reforma Protestante, principalmente sob o viés do luteranismo, expressa o enfrentamento medievalista “às transformações do mundo moderno; como uma tentativa de recuo e de restauração nostálgica de uma ordem irremediavelmente perdida.” Ainda como

relembra Giusti Tavares, a Reforma em seu aspecto geral (compreendendo o próprio calvinismo) rejeita categoricamente a atmosfera renascentista, nutrindo “uma profunda aversão à razão e ao racionalismo [...]. E é precisamente a partir de uma perspectiva irracionalista que Lutero criticara, num primeiro momento, a teologia e a filosofia escolástica e, logo, todo o racionalismo renascentista”. Eis porque, por seu radicalismo, a Reforma Protestante revela-se antítese ao movimento do humanismo, este como expressão do naturalismo, do secularismo e da sua aspiração mundializada. Ora, o caráter intolerante e teocrático da primeira fase da Reforma Protestante é incompatível ao ideário do humanismo renascentista dos séculos XV e XVI. (WOLKMER, 2005, p.17)

A primeira fase da Reforma Protestante possuiu este caráter teocrático que rejeitou o racionalismo e a razão, que era aversivo ao humanismo, o que torna também a Reforma em si contraditória, visto que pregava um foco sobre o indivíduo, mas, na prática, se colocava teocrática:

Reconhece Guido Fassò que as formulações teóricas dos primeiros reformadores, principalmente Lutero e Calvino, detêm traços que se poderiam caracterizar como “medievais”, ou seja, “concepção religiosa e eclesiástica da vida, intolerância, e, em política, teocracia”. Entretanto, admite-se, posteriormente, uma segunda fase da Reforma Protestante, em que, herdando ventos flexíveis do espírito renascentista, inclina-se por posturas mais claramente modernas, “promovendo a tolerância religiosa e política, e favorecendo o desenvolvimento das ideias liberais”. (WOLKMER, 2005, p. 18)

Podemos observar que a condescende de uma questão ideológica de suas fases, mas é interessante pararmos para pensar o porquê da dissonância entre as fases. O fato de a Reforma se relacionar com a modernidade explica muito bem essa questão, os tempos e os pensamentos humanos se modificaram muito com o Renascimento. Vicentino (1997) pontua que:

As transformações socioeconômicas iniciadas na Baixa Idade Média e que culminaram com a Revolução Comercial da idade Moderna afetaram todos os setores da sociedade, ocasionando inclusive mudanças culturais. Intimamente ligadas à expansão comercial, à reforma religiosa e ao absolutismo político, as transformações culturais dos séculos XIV a XVI – movimento denominado renascimento Cultural-estiveram articuladas com o capitalismo comercial. Primeiro grande movimento cultural burguês dos tempos modernos, o Renascimento, enfatizava uma cultura laica (não eclesiástica), racional e científica,

sobretudo não-feudal. Entretanto, embora tentasse sepultar os valores da Igreja católica, apresentou-se como um entrelaçamento dos novos e antigos valores, refletindo o caráter de transição do período. Buscando subsídios na cultura greco-romana, o Renascimento foi a eclosão de manifestações artísticas, filosóficas e científicas do mundo burguês. (VICENTINO, 1997, p.185)

Mesmo que pareça muito conveniente toda essa relação da reforma com o renascimento e com a modernidade, ela não gerou apenas frutos positivos. Retornando as palavras de Wolkmer, veremos que a teoria estética da Reforma ecoou na criação e no fortalecimento de valores conservadores:

De qualquer forma, justifica-se a existência do Direito positivo e do poder político estatal em razão de a natureza humana estar dominada pela corrupção. Fica claro, assim, o desprezo do luteranismo pela legalidade temporal objetiva. A verdadeira lei é aquela que o cristão, sem a mediação dos clérigos, absorve unicamente das Sagradas Escrituras. O Direito materializado na sociedade torna-se um instrumento para regradar e para estabelecer limites aos cristãos desgarrados e de mau comportamento, pois os bons não necessitam da legalidade temporal. O voluntarismo e a intolerância de Lutero favoreceram um ideal social e político de fisionomia autoritária e conservadora. (WOLKMER, 2005, p.18)

Neste prisma, entender a reforma nos ajuda a compreender o intuito de Saramago, ao delinear o perfil de suas personagens protagonistas, inseridas como os líderes do protestantismo, caracterizados como sendo burgueses, conservadores, com sede de ascensão ao poder, afinal, posteriormente ao Renascimento, temos a instauração do absolutismo monárquico. A Reforma, como qualquer revolução histórica, ecoa, ocultamente, por seus ideais, uma sede de poder que converge para um novo espírito ascendente de economia. Passemos a observar, portanto, o como nossa obra analisada propõe essas questões.

Os Anabatistas e sua ânsia de poder

À primeira vista, em *In Nomine Dei*, pode passar-se despercebida uma outra característica saramaguiana presente na obra: sua visão materialista do mundo, que lhe faz construir seu livro pautado numa crítica ao caráter antiético das religiões que se apossam de ideologias para manipular as massas e deter o poder econômico e social.

Essa crítica, alinha-se muito mais do que aparenta até mesmo ao contexto que ecoa no enredo de sua constituição: a Reforma Protestante. Vicentino (1997) constata que:

A Reforma Protestante foi um movimento religioso de adequação aos novos tempos, ao desenvolvimento capitalista; representou no campo espiritual o que foi renascimento no plano cultural: um ajustamento de ideais e de valores às transformações socioeconômicas da Europa. (VICENTINO, 1997, p.196)

Por muitas vezes, a Reforma Protestante é comumente romantizada, como sendo o momento em que Lutero traduziu a Bíblia para o alemão, tornando a palavra de Deus legível para todos, simplesmente negando o fato de que essa apenas ocorreu pela necessidade de expansão de poder da nova classe ascendente, denominada burguesia, ou até mesmo antes dessa, por uma atitude dos próprios monarcas que, enjoados de dividir o poder com o catolicismo, passaram a cogitar planos para desmoralizar o domínio católico, e a atitude de Lutero era o passo que faltava para que esses planos se concretizassem. Sem mais delongas, embarquemos na análise deste período pelo texto praticamente fundador dessa reflexão: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (2010) de Max Weber.

A comunidade religiosa, isto é, a “Igreja visível” no linguajar usado pelas igrejas reformadas, deixou de ser apreendida como uma espécie de instituto de fideicomissos com fins supra terrenos, uma *instituição* que abrangia necessariamente justos e injustos — seja para aumentar a glória de Deus (Igreja calvinista), seja para dispensar aos humanos os bens de salvação (Igrejas católica e luterana) —, e passou a ser vista exclusivamente como unir a comunidade daqueles que se tornaram *pessoalmente, crentes e regenerados*, e só destes; noutras palavras, não como uma “Igreja”, mas como uma seita. E apenas este, no fim das contas, o significado simbólico do princípio, em si puramente exterior, de batizar exclusivamente adultos que tivessem encontrado a fé em seu íntimo e a professassem. (WEBER, 2010, p. 131)

O excerto acima contempla a filosofia dos anabatistas que, em *In Nomine Dei*, compõem o grupo dos adeptos à reforma protestante em Münster, que protagonizam a obra ao incitarem no povo essa vontade.

Toda a metódica sóbria e conscienciosa da conduta de vida anabatista era com isso canalizada para os trilhos da vida profissional apolítica. Nesse sentido, a enorme significação que a doutrina anabatista da salvação imprimia a inspeção exercitada pela consciência, enquanto

revelação individual de Deus, conferiu a atitude dos anabatistas perante a vida profissional um caráter cuja grande significação para o desdobramento de importantes aspectos do espírito capitalista (WEBER, 2010, p.136-137)

O caráter econômico dos Anabatistas é bem marcado na obra saramaguiana, os líderes da revolução inclusive são os próprios políticos da cidade, que, cansados da supremacia da igreja católica em Münster, rebelam-se contra a igreja. R. H. Tawney, em sua obra *A religião e o surgimento do Capitalismo* (1971), postula que:

A religião perdera seu papel de pedra angular que mantém unido social, e passara a ser um departamento em seu bojo, e a ideia de uma regra de retidão é substituída pela conveniência econômica como o arbítrio de política e o critério da conduta. De um ser espiritual que, para sobreviver, deve indicar razoável atenção ao interesse econômico, o homem por vezes parece ter-se transformado em um animal econômico, que será prudente, contudo, se tomar as devidas precauções para assegurar seu bem estar social. (TAWNEY, 1971, p. 259)

O excerto de Tawney é extremamente didático para que possamos compreender que a religião era usada para manter um status, um bem-estar social.

As mentes mais representativas da Reforma, como às da Idade Média, uma filosofia que tratasse as transações do comércio e as instituições da sociedade indiferente à religião teria parecido não apenas moralmente repreensível como também intelectualmente absurda. Mantendo como suposição primeiramente que a vontade de Deus é máxima autoridade social, e que os interesses temporais constituem um episódio transitório na vida dos espíritos que são eternos especificam as regras às quais a conduta social do cristão de conformar-se e, quando as circunstâncias o permitem, organizam a disciplina pela qual essas regras poderão ser impostas. (TAWNEY, 1971, p.259)

Ao entender a importância da religião no meio social, os arquitetos da Reforma perceberam que a religião era um método acessível de controlar as pessoas e de impor ideais. Saramago vale-se deste engendramento em sua obra:

MATTHYS

Apenas julgas que sabes.

Mas eu, sim, sei que a ordem do Senhor, parecendo a mesma, é outra.

Enquanto estivermos no mundo, Deus só nos falará com as palavras que disse no mundo.

Porque às palavras novas de Deus não a poderemos ouvir enquanto não formos recebidos no Seu paraíso.

E é por isso que temos de procurar e achar nas palavras antigas do Senhor os novos sentidos da Sua vontade.

JAN VAN LEIDEN

Que novos sentidos, que vontade?

MATTHYS

<<Levanta-te e combate>>, eis o que o Senhor quis que eu ouvisse.

<<Porque não poderão nunca ser eleitos Meus os que, sem resposta, permitem o insulto de um cerco à Minha morada.>>

Devemos, pois, reunir e fazer sair os nossos soldados e, em campo aberto, travar batalha contra os católicos.

Deus já está conosco, mas, por essa ação, que Ele próprio nos ordena, obrigá-Lo-emos a pronunciar o seu último Juízo (SARAMAGO, 1993, p. 77)

O diálogo acima retrata essa prática com maestria, Van Leiden, rei de Münster e apóstolo anabaptista, Matthys sendo apenas apóstolo, ambos mencionando que devem ressignificar os ideais bíblicos de acordo com sua vontade, dizendo até mesmo que terão de obrigar Deus a convocar o último juízo mediante as promessas que Ele os fez. Jan Van Leiden, inclusive, professa em outro momento que deveria ser promovido por conta da vontade de Deus:

JAN VAN LEIDEN

Pela força da vontade de Deus e vosso reconhecimento, declaro ímpio o Conselho Municipal, que a partir deste momento fica abolido. No lugar dele, e sob o meu poder, a cidade será governada, em todos os assuntos, públicos e privados terrenos e espirituais, por doze homens que nesta hora escolherei e a que dou o título de Juizes das Tribos de Israel. (SARAMAGO, 1993, p. 85)

É perceptível que essa premissa de utilizar a religião como manejo para o poder verifica-se em muitos personagens da obra, mas o que podemos refletir dessa postura mediante a configuração temática desta? Tawney argumenta que:

A opinião religiosa no passado considerou questões de organização social e conduta econômica como irrelevantes para vida do espírito, ou se esforçou não apenas em cristianizar o indivíduo mas em criar um civilização cristã? Pode a religião admitir a existência de uma nítida antítese entre moralidade pessoal e as práticas que são permissíveis nos negócios? A ideia de uma Igreja implica a aceitação de qualquer padrão particular de ética social e, sendo assim, deveria uma igreja

esforçar-se em impô-lo como uma das obrigações que incumbem a seus membros. (TAWNEY, 1971, p. 30)

Há um conflito entre o que os pregadores da palavra esperam de seus fiéis com o que eles praticam. Aqui, temos uma pista do que mais à frente iremos melhor abordar, o intuito saramaguiano de evidenciar esse contraste do caráter religioso em meio aos engendramentos da Reforma em Münster.

Violência em nome de Deus

O interessante a se observar, na estratégia anabaptista, é que as personagens se utilizam de discursos de ódio fundamentados na bíblia para fazer do povo seu aliado. Rothmann, a personagem do pregador Anabaptista, é o exemplo disso, que adota um recurso religioso o tempo todo para convencer a população a juntar-se aos Anabaptistas:

ROTHMANN

O senhor partiu o pão e disse Tomai, isso é o meu corpo.

Tomou depois o cálice e disse: isto é o meu sangue, sangue da nova aliança que será derramado por muitos.

E eu digo: aqui está o pão, aqui está o vinho, aqui estão, pois, o corpo e o sangue de Cristo. (SARAMAGO, 1993, p. 42)

E ao mesmo tempo usa-se deste discurso para incitar o ódio naqueles que o escutam:

ROTHMANN

Que queres dizer?

Estamos em Deus e com Deus, os nossos corpos e as nossas almas pertencem-Lhe, não temos outra vontade que não seja a Sua.

Somos a Sua língua e o Seu palato, e é com Seus dentes que morderemos e degolaremos os Seus inimigos. (SARAMAGO, 1993, p. 58)

É o caso também da personagem de Matthys, que depreende o discurso bíblico apenas como uma justificativa para seus atos cobertos de violência

MATTHYS

O Senhor deteve no ar a mão da Sua justiça e a Sua voz disse: <<Apressai-vos porque o tempo do sangue é chegado, já se ouve a

lâmina do cutelo rangendo na pedra de amolar, o terror faz correr os animais condenados, mas o Meu braço os alcançará onde quer que se acolham, nem antes nem depois da hora marcada por Mim no princípio dos tempos.>> (SARAMAGO, 1993, p. 63)

Matthys é uma personagem emblemática na trama, sua chegada configura um anúncio de quase um messias que virá para vingar a glória dos Protestantes em cima dos católicos. Retornando ao texto de João de Oliveira Lopes, compreenderemos melhor sua importância:

A acção fabular, propriamente dita, arranca com a chegada gloriosa de Jan Matthys (em 24.02.1534, segundo os relatos conhecidos) facto a que Rothmann, o pregador do reino, sempre atento aos sinais dos tempos, confere um significado escatológico e messiânico: "*Aproxima-se a hora do regresso de Cristo Nosso Senhor, aproxima-se o Juízo Final*". De facto, não era para menos, dada a reputação de que gozava Jan Matthys nos meios do anabaptismo milenarista da Alemanha e Países Baixos. Depois da prisão em Estrasburgo, (1533) do grande líder carismático Melchior Hoffmann, um comerciante de peles que se tornara apóstolo incansável da Reforma (admirável este século XVI também no capítulo da militância evangélica dos leigos?), o manto profético passou para o apóstolo holandês um ex-padeiro que pregava o extermínio dos ímpios e a libertação dos pobres e marginais, na linha da violência revolucionária de Thomas Mímtzer, ex-monge agostinho, inimigo figadal de Lutero, e que liderou a infausta Revolta dos Camponeses (1525). (LOPES, 1998, p.5)

A influência destes discursos de ódio no povo de Münster é muito bem pontuada por Saramago nas falas do coro dos anabaptistas que aderem ao discurso, e apenas proferem agouros aos católicos.

CORO DE ANABAPTISTAS

Como um lobo raivoso que rondasse as muralhas de Münster, mostrando as fauces venenosas e uivando ameaças terríveis,

Eis que o bispo Waldeck se aproxima da cidade para tirar desforra da humilhação e vergar-nos à obediência da sua Igreja

Ai dele, ai dele, que imagina não ter em Münster mais adversário que as escassas forças humanas dos seu moradores

O Senhor ará das nossas mãos o instrumento de Sua divina justiça, e o gume das nossas armas desafogará a Sua cólera.

Vem, pois, Bispo Waldeck, bispo dos católicos, apressa-te a chegar aonde te espera a horrenda morte. (*Levantam as espadas*) (SARAMAGO, 1993, p. 42)

Karen Armstrong, em sua obra *Em nome de Deus* (2000), faz uma reflexão sobre os reflexos da violência em nome de Deus na contemporaneidade, refletindo que muitos se apegam a doutrinas porque

Temem a aniquilação e procuram fortificar sua identidade sitiada através do resgate de certas doutrinas e práticas do passado. (...) Absorveram o Racionalismo pragmático da modernidade e, sob a orientação de seus líderes carismáticos, refinam o "fundamental" a fim de elaborar uma ideologia que fornece aos fiéis um plano de ação. (ARMSTRONG, 2000, p. 2)

Essa noção do aniquilamento é muito bem exposta por Saramago, que constrói essa questão por meio dos cidadãos da cidade de Münster, que é caracterizado como um povo que vive em um estado precário, e possui a característica de ser facilmente manipulável. Como a Reforma de Münster gerou uma verdadeira guerra, os cidadãos acabam ficando do lado dos anabatistas, pelo medo de serem aniquilados no dia do juízo final, como tantas vezes os profetas e apóstolos anabatistas postularam.

Há também a presença do Coro geral na obra, que profere apenas versículos bíblicos, suplicando salmos, e revelando ainda mais a necessidade de clemência da população que sofre as penas de uma guerra de poderes, na qual mal sabem que não os beneficiará em nada

CORO GERAL

O que habita sob a proteção do Altíssimo e Onnipotente mora à sombra do onipotente, pode exclaimar ao Senhor:

<<Vós que sois o meu refúgio e a minha cidadela o meu Deus em que confio!>>

Ele te há-de livrar da armadilha do caçador, como peste maligna,
Com Suas penas te há-de proteger, debaixo das Suas asas
encontrarás refúgio, a Sua fidelidade é um escudo e uma couraça.
Não temerás o terror da noite, nem a seta que voa durante o dia
Nem a peste que alastra nas trevas, ou o flagelo que tudo destrói ao
meio-dia.

Podem cair cem-mil à tua esquerda, e dez mil à tua direita, tu não serás atingido,

Basta que abras os olhos, logo verás a recompensa dos ímpios.
(SARAMAGO, 1993, p. 126)

É interessante pontuar que Saramago, mesmo na construção das falas de súplicas agregadas aos coros, opta sempre por passagens bíblicas de cunho violento, que profetizam agouros ou vinganças. Este recurso estético é relevante, ao passo que

o livro trata de um contexto de guerra religiosa e de personagens que usam a religião para favorecerem-se em fins individuais. Outro recurso, imprimido por meio das citações bíblicas, é o que interfere em um recurso externo ao texto, que por se tratar de uma peça é feita para ser encenada:

De facto, a própria configuração espacial do texto, escandido em unidades frásicas modeladas pelo versículo, impõe à leitura a marcação de um ritmo e de uma entoação impregnada de sugestões e registos bíblicos: o elegíaco, o laudatório e o suplicante, o imprecatório e o narrativo, o exortativo e o gratulatório, e até mesmo o agonístico, no confronto do homem com um Deus desconcertante e incompreensível. E toda uma pauta variada de tons e harmonias que confere à linguagem a musicalidade de uma partitura, e que, certamente, os actores de Münster, terão sabido acentuar com a intensidade própria de quem revive *in loco* um caso típico de intolerância e fanatismo. (LOPES, 1998, p. 8-9)

O tom das personagens do coro varia mediante a perspectiva de sua situação, as personagens são voláteis, quando os anabaptistas estão planejando a guerra civil contra os católicos, suas falas tem um tom de uma profecia que prevê a ruína do Bispo e da Igreja Católica, mas assim que os anabaptistas passam a perder guerra, e a narrativa do livro se encaminha para seu fim, as enunciações do coro passam a ser de súplica e clemência mediante ao medo de seu extermínio.

Sobre a volatilidade das personagens

O Coro não é o único a mudar o tom de seu discurso na obra. Líderes anabaptistas e agregados também remodelam seu discurso mediante a situação:

HEINRICH GRESBECK

Não há comida em Münster, não se encontra na cidade de cão ou gato porque já todos foram devorados,

E mesmo os grandes ratos têm de esconder-se bem fundo nas suas madrigueiras para escaparem à fome dos humanos.

HANS VAN DER LANGENSTRATEN

Deus, afinal, é católico, não o sabíamos

HEINRICH GRESBECK

Talvez Deus não seja católico, talvez não seja protestante, talvez não seja senão o nome que tem.

HANS VAN DER LANGENSTRATEN

Que fazemos nós aqui, então?

HEINRICH GRESBECK

Aqui, onde? Em Münster?

HANS VAN DER LANGENSTRATEN

Na terra.

HEINRICH GRESBECK

De certo modo, nada. De certo modo, tudo.

O nada é feito de tudo, mas o tudo é igual a nada

HANS VAN DER LANGENSTRATEN

Sendo assim, todos os nossos actos são indiferentes, todos valem o mesmo. (SARAMAGO, 1993, p. 138)

No diálogo acima, entre o mercenário Hans Van Der Langenstraten e o anabaptista Henrich Gresbeck, podemos perceber muito bem o caos em que a cidade estava no final da Guerra Civil e podemos perceber um tom cético na fala de ambos, como se a perda da guerra e a não consolidação da Reforma fizessem com que o Deus em que acreditavam passasse a não ser tão convidativo, mostrando que a fé das personagens é circunstancial. Contudo, posteriormente, Saramago as coloca num novo diálogo:

HANS VAN DER LANGENSTRATEN

Deus não está do lado de Münster,

HENRICH GRESBECK

Logo, trair Münster, não seria trair Deus.

(SARAMAGO, 1993, p.139)

E, por meio deste, podemos perceber que as personagens mantêm sim sua fé, mas ainda de maneira circunstancial, visto que estes preferem trair sua cidade e seu povo em nome de uma escapatória da morte e de um possível futuro sucesso. Muito além da vontade de Saramago em construir essas personagens como uma alegoria de pessoas que usam a fé apenas em benefício próprio e em prol de seus interesses, essa configuração se relaciona com o próprio contexto histórico da Reforma Protestante. Retornando ao texto de Tawney notaremos que:

A religião perdera seu papel de pedra angular que mantém unido social, e passara a ser um departamento em seu bojo, e a ideia de uma regra de retidão é substituída pela conveniência econômica como o arbítrio de política e o critério da conduta. De um ser espiritual que, para sobreviver, deve indicar razoável atenção ao interesse econômico, o homem por vezes parece ter-se transformado em um animal econômico, que será prudente, contudo, se tomar as devidas

precauções para assegurar seu bem estar social. (TAWNEY, 1971, p. 259)

Conforme podemos observar anteriormente, o pensamento renascentista culminou para que homem se voltasse para a sua individualidade e, numa jogada dialética, a Reforma uniu esse pensamento ao teocentrismo que o antecedeu, e tal como a Reforma possui este caráter ambíguo em sua própria constituição, os personagens da peça saramaguiana também o possuem enquanto sujeitos.

Naturalmente, portanto, formulam os princípios éticos do cristianismo em termos de uma confortável ambiguidade e raramente indicam com precisão sua aplicação ao comércio, às finanças e à posse de propriedades. Assim, o conflito entre religião e aquelas ambições econômico naturais que o pensamento de uma era anterior olhara com suspeita é suspenso por uma trégua que divide a vida da humanidade entre elas. A primeira passa a ocupar-se da alma individual, a última do intercâmbio do homem com seus semelhantes nas atividades comerciais e nos negócios da sociedade. A paz está assegurada desde que cada uma se mantenha em seu próprio território. Elas não podem colidir, pois nunca podem se encontrar. (TAWNEY, 1971, p. 260)

Mediante a citação de Tawney, podemos notar que essa ambiguidade é confortável para os cristãos que se veem apossados das virtudes de transitar apenas entre os valores que lhes convêm.

As mentes mais representativas da Reforma, como às da Idade Média, uma filosofia que tratasse as transações do comércio e as instituições da sociedade indiferente à religião teria parecido não apenas moralmente repreensível como também intelectualmente absurda. Mantendo como suposição primeiramente que a vontade de Deus é máxima autoridade social, e que os interesses temporais constituem um episódio transitório na vida dos espíritos que são eternos especificam as regras às quais a conduta social do cristão de conformar-se e, quando as circunstâncias o permitem, organizam a disciplina pela qual essas regras poderão ser impostas. (TAWNEY, 1971, p.259)

Considerações finais

Durante este trabalho, vimos o alinhamento entre a Reforma Protestante e de seus ideais com o surgimento do sistema capitalista, contudo, devemos olhar para esta questão com cuidado:

Os fios desse movimento eram complexos e a fórmula que associa a Reforma à ascensão do individualismo econômico não é uma explicação completa. Os sistemas preparam sua própria derrubada mediante um processo preliminar de petrificação. A filosofia social tradicional era estática, no sentido de que admitia um corpo de relações de classe nitidamente definido pelo costume e pela lei, e pouco afetado pelo fluxo e pelo refluxo dos movimentos econômicos, Sua fraqueza em face das novas forças era tão óbvia quanto a tensão que lhe impunha revolta contra a jurisprudência eclesiástica, o descrédito parcial da lei canônica e da disciplina eclesiástica, bem como a ascensão de uma nova ciência política equipada nos arsenais da antiguidade. Mas não é subestimar os efeitos da Reforma dizer que as principais causas que assinalam a época como um divisor de águas, de onde descem novas correntes de teoria social, residiam em outra região. Os homens não refletem sobre questões de organização econômica e social até que sejam compelidos a fazê-lo devido à intensa pressão de alguma emergência prática. O século XVI foi uma era de especulação social pela mesma razão que os inícios do século XIX- por ser uma época de desarticulação social. A réplica dos mestres religiosos conservadores a um espírito que lhes parecia o triunfo de Mammon produz a última grande expressão literária do recurso a uma consciência média quem uma ordem mais antiga efetuará. As implicações práticas da teoria social da Idade Média são proclamadas mais claramente no século XVI do que inclusive em seu zênite, por serem proclamados com a ênfase de um credo ameaçado. (TAWNEY, 1971, p.79)

A Reforma é fruto do entorno social em que viveu e ao qual foi exposta, fruto das mudanças e dos alinhamentos históricos e políticos a que pertenceu. Dessa forma, poderíamos nos questionar se o surgimento do capitalismo não era inevitável mediante a mudança do pensamento, mediante ao período da Renascença, assim como o fato de estes eventos terem culminado para o fortalecimento de pensamentos conservadores? O que fica, de fato, como conclusão, é que fora o alinhamento do passado teocrático conservador ao avanço do pensamento individualizado que eclodiu na Reforma, que, mesmo ambígua em sua essência, culminou naquilo que Weber definiu como um *Ethos*, do que temos neste tempo Capitalista.

As circunstâncias se alteram de época para época, e a interpretação prática dos princípios morais deve alterar-se com elas. Poucos daqueles consideram desapaixonadamente os fatos da história social estarão dispostos a negar a exploração dos fracos pelos poderosos, organizada para os propósitos do lucro econômico, sustentada por imponentes sistemas legais e protegida por decorosas cortinas de sentimento

virtuoso e retórica ressonante, tem sido um traço permanente na vida maioria das comunidades que o mundo já viu. (TAWNEY, 1971, p. 264-265)

Saramago, em sua obra, propôs-se a ecoar esse sistema, esse *Ethos*, no âmago de suas personagens. Mesmo sendo amplamente criticado por suas produções de cunho religioso, em *In Nomine Dei*, se aventurou a unir as duas coisas que mais detesta: poderosos ascendendo ao poder utilizando-se das massas e ainda por cima justificando seus atos por suas crenças, e nada mais coerente para alinhar esses ideais do que uma obra na qual a temática reside na tentativa de uma Reforma Protestante em uma pequena cidade alemã.

Referências

- AGUILERA, Fernando Gómez. *As palavras de Saramago*, Companhia das Letras, 2010.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus*. Companhia das Letras, 2001.
- BENTES MONETIRO, Rodrigo. *As Reformas Religiosas na Europa Moderna. Notas para um debate historiográfico*. *Varia Historia*, vol. 23, núm. 37, enero-junio, 2007, pp. 130-150. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- LOPES, João de Oliveira. *O crepúsculo de Deus nas guerras dos homens. Uma leitura do In Nomine dei de José Saramago*, 1998.
- LOPES, Oscar. *A Busca de Sentido, Questões de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1994.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo, Cultrix, 2012.
- SARAMAGO, José. *In Nomine Dei*. Companhia das Letras, 1993.
- SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- TAWNEY, R.H. *A religião e o surgimento do Capitalismo*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1971.
- VICENTINO, Cláudio. *História Geral*. Editora Ática, 1997.
- WEBER, Max. *A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Companhia das Letras, 2010.
- WOLKMER, Antonio Carlos. *Cultura Jurídica Moderna, Humanismo Renascentista e Reforma Protestante*. Sequência. UFSC, Florianópolis, SC, Brasil, 2005.

Recebido em: 9/12/2020

Aceito em: 28/02/2021